DOI: https://doi.org/10.5007/2175-8034.2026.e105235

Mercantilização por Desvio em Aplicativos de Relacionamento: uma controvérsia sobre consumo sexual e formas de masculinidade no fórum GP-Guia

Guilherme Antônio Carneiro de Sant'Ana[1]

[1]Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil

Resumo

A partir do diálogo entre os campos da antropologia da economia, antropologia da moral e da ética e antropologia do gênero e da sexualidade, o presente artigo investiga as implicações de um processo particular de *mercantilização por desvio* (Appadurai, 2000) – marcado pelo recrutamento de mulheres no aplicativo Tinder que não participavam desse ambiente com a finalidade mercantil – tanto nas práticas de consumo sexual realizado por homens cis-heterossexuais como na modalização e no exercício das suas respectivas masculinidades. Para tanto, a etnografia realizada concentrou-se na análise de um conjunto público de mensagens presentes no fórum digital GP-Guia – um espaço de sociabilidade voltado para a produção de avaliações sobre as experiências sexuais de tais homens com garotas de programa – e se focou na avaliação da controvérsia entre os participantes do fórum em torno da assimilação dessa nova categoria mercantil de mulher.

Palavras-chave: Mercantilização por Desvio; Consumo Sexual; Ideal Moral; Masculinidade; Tinder.

Commodification Through Deviance in Dating Apps: a controversy about sexual consumption and forms of masculinity in the GP-Guia forum

Abstract

Based on the dialogue between the fields of economic anthropology, moral and ethical anthropology, and gender and sexuality anthropology, this article investigates the implications of a particular process of commodification by deviation (Appadurai, 2000) – marked by the recruitment of women on the Tinder app who did not participate in this environment for commercial purposes – both in the practices of sexual consumption carried out by cis-heterosexual men and in the modalization and exercise of their respective masculinities. To this end, the ethnography carried out focused on the analysis of a public set of messages present in the digital forum GP-Guia – a space of sociability aimed at producing evaluations of the sexual experiences of such men with call girls – and focused on the evaluation of the controversy among the forum participants regarding the assimilation of this new commercial category of woman.

Keywords: Commodification through deviance; Sexual Consumption; Moral Ideal; Masculinity; Tinder.

Recebido em: 2/11/2025
Aprovado em: 25/02/2026
Publicado em: 26/10/2026

Este trabalho está licenciado sob CC BY-NC-SA 4.0. Para visualizar uma cópia desta licença, visite https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/

1 Introdução

O presente artigo tem o objetivo de compartilhar uma parte dos resultados de uma pesquisa de campo realizada no fórum GP-Guia, que contempla o acompanhamento e a análise de uma conversação pública formada por 220 mensagens trocadas por uma parcela dos membros da seção rio-grandense da plataforma entre setembro de 2019 e junho de 2024.

O fórum GP-Guia (https://www.gp-guia.net/) consiste em um espaço de interlocução promovido, majoritariamente, por homens que se apresentam como heterossexuais, sob a condição de anonimato, voltado para o compartilhamento de relatos escritos por usuários cadastrados no *site* sobre experiências sexuais com garotas de programa. O compromisso de avaliar a qualidade dos serviços prestados por tais profissionais intenta forjar uma referência para que os demais participantes do fórum tenham argumentos para proceder ou não à contratação das garotas de programa textualmente retratadas. Essas narrativas são denominadas pelos foristas como *Test Drives* (TDs) em alusão à condução supervisionada de carros feita por concessionárias automotivas que permitem aos potenciais compradores sentirem sua dirigibilidade.

O interesse analítico deste trabalho, contudo, não está centrado nas seções do *site* destinadas à publicação dos TDs, senão na emergência de um tópico de conversação particular intitulado "Tinder – gp, acompanhantes e novatas", presente na aba Assuntos Gerais da parte da plataforma destinada ao Rio Grande do Sul. Avaliando o conteúdo das mensagens trocadas nesse tópico, observou-se que uma parcela dos foristas do *site* estava colocando em marcha um processo que Appadurai (2000) qualificou como *mercantilização por desvio*, ou seja, a transformação em mercadoria de certos objetos que, inicialmente, se supunham estar protegidos de tal condição. Empiricamente, os foristas estavam compartilhando entre si informações e estratégias para recrutarem mulheres em aplicativos de relacionamento, como Tinder, em busca de relações sexuais pagas, mulheres estas que, no entanto, originalmente não participavam desses ambientes com a finalidade mercantil[1].

O foco deste artigo consiste em investigar as consequências dessa modalidade de mercantilização por desvio no que concerne às práticas de consumo sexual e, por consequência, às formas de manifestação da masculinidade dos foristas *gaúchos* participantes desse tópico conversacional diante do contato estabelecido com as mulheres egressas do Tinder.

[1] A condição mercantil, de acordo com Kopytoff (2000), em vez de pressupor uma propriedade intrínseca a uma parcela restrita de objetos, deve ser compreendida como um *status* específico e flutuante no interior de uma trajetória biográfica heterogênea de um determinado objeto social no qual seu potencial de intercâmbio por outro objeto corresponde ao seu aspecto social momentaneamente mais relevante.

Para tanto, a primeira seção do texto descreverá a produção do *contexto mercantil* (Appadurai, 2000) no Tinder, destacando as estratégias compartilhadas pelos foristas na construção de seus perfis nesse aplicativo para instituir um ambiente de trocas sexuais, economicamente mediadas, em um local onde essa prerrogativa é normativamente vedada[2].

Em seguida, a análise centrará sua atenção na mudança de expectativas, no âmbito do consumo sexual, que a interação com as mulheres do Tinder passa a suscitar em uma parcela dos foristas do GP-Guia. Em particular, essa seção está preocupada em apresentar o posicionamento dos membros do fórum no conflito entre os ideais morais que norteiam as *performances* (Goffman, 2004) de masculinidade empreendidas pelos foristas do GP-Guia em suas postagens e as *performances* emergentes de masculinidade que são narrativamente visibilizadas pelo contato com as mulheres do Tinder.

Como desdobramento da discussão precedente, a terceira seção do texto centra seu olhar na apresentação das histórias narradas pelos foristas **GdrdeNH** e **jefao**, a fim de explicitar o que Sacramento (2005) definiu como o *caráter dual da masculinidade*, isto é, a disjunção existente entre as *performances* públicas dos homens e o exercício privado de sua masculinidade.

2 Produção do Contexto Mercantil no Tinder

A exploração da problemática do consumo sexual, em sua articulação direta com as *performances* (Goffman, 2004) diferenciais da identidade masculina realizadas no GP-Guia, solicita que o marco inicial de análise seja o processo de produção do contexto mercantil operado no Tinder, configurado por intermédio do compartilhamento dos relatos sobre as melhores estratégias tanto para a elaboração dos perfis quanto para a utilização mais eficaz do aplicativo. A noção de contexto mercantil (Appadurai, 2000) compreende um ambiente social que não apenas torna um objeto visível ao olhar dos demais como estabelece os contornos, inclusive morais, de sua disponibilidade, de modo a permitir que sua troca possa vir a ser realizada.

O processo de criação dos perfis no Tinder merece atenção por parte dos usuários do GP-Guia, pois corresponde à instância central de mediação que estabelece e codifica as propostas de interação sexual em troca de dinheiro – em uma plataforma que não foi desenhada com essa finalidade – para um conjunto de mulheres que não integravam esse aplicativo com o objetivo de participar de intercâmbios dessa natureza. É por intermédio da elaboração dos perfis de usuário que um contexto mercantil particular ganha materialidade no âmbito dos aplicativos de relacionamento e torna possível a mudança do *status* biográfico de uma parcela das mulheres do Tinder para a condição de *mercadoria* (Appadurai, 2000; Kopytoff, 2000).

Sobre esse procedimento, convém salientar o sucessivo aumento no grau de refinamento mobilizado pelos foristas, decorrente do acúmulo de conhecimento tanto sobre as dificuldades e os problemas enfrentados para constituir tal contexto de mercantilização quanto sobre as formas de manejo mais adequadas para produzir uma exposição pública capaz de alcançar o recrutamento almejado:

[2] Na lista de práticas proibidas do Tinder, consta: "7. Seja relacionado a atividades comerciais (inclusive, dentre outras, vendas, concursos, promoções e publicidade, solicitação de serviços, trabalho sexual, relacionamentos "sugar daddy" ou "sugar baby", links para outros sites ou números de telefone de linha premium)". Disponível em: https://policies.tinder.com/terms/intl/pt-br/. Acessado em: 6 set. 2024.

> *Eu criei um perfil com uma única imagem de "Pago por programa..." e etc. Fui banido em 24hs. Vocês não foram também?* **(blacblu » 02 Out 2019, 23:39)**
>
> *Conforma relatei no post anterior, criei a conta, botei uma imagem de cifrão achada no Google e escrevi um perfil curto e direto: sou casado e procuro sexo sem compromisso, e estou disposto a pagar. Saí usando e na primeira hora de uso tive 16 likes. (...) Minha experiência durou pouco, pq terça passada eu tava usando e do nada fui desconectado. Quando tentei entrar de novo recebi a mensagem de que meu perfil havia sido excluído por violar as normas de uso!* **(Preste_João » 10 Abr 2021, 16:22)**
>
> *Coloquei uma foto aleatoria do google no tinder e paguei um mÊs de premium R$29.99 com a descrição indicando a busca por uma 'mulher que procure conhecer o melhor que o mundo possa oferecer', para evitar ter a conta banida. Deu muito like galera kk. Depois de uns 20 dias troquei a descrição para: 'procuro sugar baby', tive a conta banida no mesmo dia rs. Quando acabar os contatinhos pretende criar outro tinder, mas precisarei de um chip de cel novo pra registrar rs.* **(E8631639 » 05 Jun 2021, 15:43)**
>
> *Mas, instigado por esta thread aqui, resolvi testar o Tinder. No sãbado retrasado criei um perfil com o tal gif de cifrão que catei no google, mas no outro dia o app já tirou as minhas fotos, mas nao me bloqueou. Daí eu mudei, peguei uma foto fake de um cara no google e tirei a cabeça. Nao falei nada em dar dinheiro (certamente o tinder ia me ferrar). Coloquei algo como "em busca de relacionamento sugar, com benefícios mútuos" (as entendedoras entenderam).* **(Brownn_mann2 » 15 Dez 2021, 22:58)**[3]

Diante das restrições impostas tanto pelo filtro do algoritmo do Tinder – programado para tentar coibir a utilização desse espaço como vetor de relações comerciais – como pela possibilidade de terem suas contas banidas pelas denúncias feitas por usuárias do aplicativo, os membros do GP-Guia paulatinamente passaram a abandonar estratégias de contato explícitas em prol de formas mais sutis para manifestar suas intenções:

> *Não coloque foto de cifrão. Não tem nenhuma necessidade de deixar tão claro assim e certamente isso pode levar ao banimento da conta. Coloque fotos aleatórias mas que deem a entender qual seu estilo ou qualquer foto aleatória legal. Na descrição siga a recomendação do forista acima e diga que "pode ajudar" ou "posso recompensar".* **(Qualquer1 » 23 Mar 2022, 13:55)**
>
> *2- Crie um perfil direto com seu objetivo, mas não coloque foto muito explicita, tipo cifrão ou coisas do tipo, coloca um homem de terno sem aparecer o rosto e já vai ser bem compreensível 3- No nome, eu coloquei um nome falso junto da palavra casual e na descrição, deixei claro a ideia de troca de favores, mas de uma forma mais "aventureira" do que algo tão claro pro tinder banir* **(pokegp » 19 Mai 2022, 19:19)**
>
> *Gurizada medonha, falando com um amigo hoje de tarde ele me deu a dica de criar uma nova conta no Tinder e usar imagens de rostos geradas por inteligência artificial ou usar algum app de alteração de imagem para modificar alguma foto minha. O algoritmo do Tinder deve ser bem esperto, mas vou tentar.* **(Preste_João » 02 Mar 2023, 19:52)**

A sofisticação das estratégias empregadas pelos foristas para entrar em contato com mulheres dispostas a aceitar suas propostas de intercâmbio sexual não se limita exclusivamente a uma atitude defensiva, visando à manutenção da visibilidade de seus respectivos perfis no Tinder, mas solicita, também, um aprendizado acerca da mecânica de funcionamento do algoritmo desse aplicativo, levando em conta as vantagens associadas às modalidades pagas da sua assinatura, com o objetivo de maximizar as chances de formação de combinações (*matches*) com as mulheres mais condizentes com seus anseios eróticos:

[3] A grafia utilizada pelos foristas foi preservada.

> *No outro dia eu assinei o Tinder Gold, que entre outras coisas te permite ver os perfis de quem te deu like. Achei bem útil, pq faz com que o cara evite de dar likes em perfil de dragão, mantendo o teu perfil em nível bom. Eu recomendo muito darem um Google por "how tinder algorithm works". Vcs vão achar bons artigos em inglês explicando como a coisa toda funciona. Tudo que o* ***Morsa_Poa*** *já falou tem fundamento. O segredo é não sair dando like em tudo quanto é perfil, pq isso faz o algoritmo entender que tu topa qualquer coisa e te deixa mal classificado no sistema de classificação. E realmente funciona esperar elas darem like em ti.* **(Preste_João » 10 Abr 2021, 16:22, com grifos meus)**

O dado etnográfico acima se revela valioso na medida em que permite explicitar a ambivalência que caracteriza a mediação algorítmica na conformação das práticas sociais cotidianas. Por um lado, tal como evidencia Mesquita (2023), as instruções de linguagem computacional informadas por esses dispositivos sociotécnicos, refinadas a partir dos dados coletados na inserção dos usuários nos ambientes digitais que frequentam, modalizam os regimes de subjetivação ao estabelecerem os contornos da percepção da realidade, dos sentimentos e da racionalidade empregada pelos sujeitos na contemporaneidade (Mol, 2008) – principalmente tendo em mente os princípios da datificação[4], com a consequente formação de bolhas de opinião por conta da capacidade de personalização dos conteúdos veiculados aos usuários. Por outro, contudo, não se pode considerar que tais sujeitos sejam inertes nesse processo, visto que eles também passam a aprender e a discutir a lógica da atuação algorítmica, de maneira a criar estratégias que possam lhes permitir manejar seu funcionamento para alcançar respostas que confluam com seus interesses específicos (Rocha, 2021). Logo, se o algoritmo do Tinder define um campo de visão específico aos seus usuários por meio dos princípios de ordenação da fila de perfis de parceiros ou parceiras afetivas com base nos hábitos de utilização do aplicativo, isso não implica que tais limiares sejam intransponíveis, afinal, o compartilhamento de informações sobre o funcionamento desse algoritmo entre uma parcela de seus usuários lhes permite adotar atalhos – como a marcação apenas dos perfis desejáveis de pretendentes nas modalidades pagas do aplicativo (em que a lista de pessoas que manifestaram interesse afetivo pelo usuário está liberada) – capazes de modelar o algoritmo da forma mais favorável aos seus objetivos de interação.

O clima de total camaradagem entre os foristas começa a ser suspenso quando são debatidas as instruções sobre os códigos de conduta apropriados na interação com as mulheres do Tinder. Nesse contexto, as primeiras avaliações questionando a real validade desta abordagem de mercantilização por desvio passam a ser formuladas, movimento que revela a existência de um dissenso entre os membros do GP-Guia com consequências importantes para as práticas de consumo e as manifestações de masculinidades performadas neste tópico.

Uma vez realizada a combinação (*match*) no Tinder, os foristas começam a externar dúvidas sobre como abordar tais mulheres na dinâmica conversacional do aplicativo, a fim de estabelecer as condições de realização do encontro. Os conselhos dos membros do GP-Guia são formulados em contraste com a negociação usualmente empregada com as garotas de programa:

> *Bom do tinder que se vc for educado consegue um acordo legal.* [...] *Mas lembrando precisar ser educado pois não está tratando com putas profissionais.* **(MadrugaFH » 26 Abr 2021, 14:55)**

[4] "É a tradução de intenções, ações, reflexos, sentimentos em dados operacionalizáveis para gerar novas ações preditivas (coletivas ou individuais) a partir da coleta extensiva de informações" (Lemos, 2021, p. 195).

> *E no mais é conversar lembro que como não são putas, a maioria prefere conversar normal, poucas são diretas* **(mento » 29 Set 2019, 11:06)**.

Ainda que as mulheres do Tinder também sejam compreendidas dentro de um registro mercantil, o contato com elas precisa ser realizado não somente mediante o emprego de uma linguagem distinta, mas por meio de uma outra disposição comunicativa. O caráter objetivo e direto reivindicado pelas garotas de programa, estabelecido a partir da pressuposição de uma relação contratual compreendida pela noção de *atendimento*, em que os limites e possibilidades de interação sexual são acordados previamente, cede lugar ao estabelecimento de uma relação de confiança entre os interlocutores para viabilizar o *encontro*:

> *Na minha experiência, já chegar perguntando isso [os tipos de práticas sexuais que eles aceitam realizar] pode queimar o filme. Elas tem medo de encontrar um cara "violento", mais de uma já me disse isso. Nornalmente eu desenrolo um papo normal por um bom tempo, daí passo aos elogios físicos, daí começo a perguntar umas coisas mais quentes e no fim já dá até pra perguntar se cospe ou engole. Indo numa velocidade boa, rola perguntar tudo antes do encontro* **(Brownn_mann2 » 16 Dez 2021, 14:05)**.

Convém salientar o papel diferencial ocupado pelo dinheiro no âmbito das transações com as mulheres do Tinder: a certeza da dimensão contratual que a mediação do dinheiro institui na relação com as garotas de programa se opõe a incerteza que o dinheiro instaura na relação com as mulheres egressas do Tinder, pois, se a proposta de remuneração constitui o ponto de conexão de tais mulheres com os foristas, por outro lado, o lugar do dinheiro eventualmente tende a ser sublimado em prol da construção do laço social que se forja entre os envolvidos. Esse aspecto é assinalado por como um potencial fator de risco:

> *Mas como um confrade falou, deixem tudo claro antes de qualquer encontro, não deixem pra acertar nada na hora* **(pokegp » 19 Mai 2022, 19:19)**.

Como recorda Zelizer (2011), se, por um lado, a materialidade do dinheiro tende a perpassar uma ampla gama de relações afetivas, por outro, é importante observar as condições em que o dinheiro se torna visível e explícito nessas relações de modo a entender a natureza da relação social que sua tematização pretende indicar. A desconfiança dos foristas, baseada em uma compreensão calculista do lugar ocupado pela mulher no interior da relação estabelecida, é contrastada com os casos empíricos em que a sublimação do dinheiro é mantida no momento da efetivação do encontro e nenhuma compensação econômica é exigida:

> *Marcamos uma noite pra eu buscar a guria e fomos pro motel direto, viemos conversando no carro, morava um pouco longe então deu tempo pra se conhecer bem rs. Nem combinamos preço de nada, só disse q tava buscando uma sugar pra ela, me pediu umas fotos e mandou buscar kkkk. Bem melhor que puta senhores, a mina era boa demais na cama e novinha ainda, 24 anos kkk. Enfim, depois do encontro levei ela pra casa e não falamos nada de dinheiro, ficou por isso mesmo e ficamos de combinar mais vezes kkk.* **(E8631639 » 05 Jun 2021, 15:43, com grifos meus)**

Acerca da conversação com as mulheres da mercantilização por desvio, convém salientar a existência de formas diferenciais de apreciação da sua dinâmica relatadas entre os foristas. Para alguns, as trocas conversacionais não constituem nenhum problema significativo, enquanto outros se queixam de certo desgaste em decorrência da demora de forjar uma relação de confiança que permita viabilizar o encontro presencial:

> *Tem que desenrolar um pouco a conversa, mas nada que ocupe mto tempo* **(E8631639 » 05 Jun 2021, 15:43)**.
>
> *Resumo da história: Ótima ideia,mas voce precisa ter tempo e paciencia pra desenrolar o esquema… nao precisa ficar com muita conversinha PQ ja esta tudo bem claro no perfil… só precisa combinar valores e os detalhes do encontro…* **(HChinasky » 12 Set 2021, 16:14)**
>
> *Pelo o que comentaram aqui eu pensei que seria jogo rapido onde a semi puta captaria pela descrição o que o cara quer… Mas não foi bem assim, além de demorar pra achar uma perva, tive que conversar, demorou pra marcar e quando chegou proximo da hora tive que praticamente insistir pra perva sair. Não foi que nem aqueles joguinho complexo que civil fazem, mas não foi tão facil não.* **(GdrdeNH » 01 Out 2022, 13:36)**
>
> *Tenho 3 empresas, sou casado, tenho filho, dou atenção para tudo e ainda conseguia achar tempo para buscar no tinder, isso de tempo é balela* **(mento » 10 Set 2022, 14:13)**

3 Nova Mercantilização, Novas Expectativas (e velhos problemas)

Uma parcela dos foristas especula que a divergência das avaliações sobre o processo de recrutamento das mulheres do Tinder esconde uma expectativa diferencial quanto às práticas de consumo sexual. De acordo com tais membros, o desgaste temporal, a burocracia e a falta de um objetivo claro – que eles qualificam como os grandes problemas desse método de mercantilização – sustentariam o prazer experimentado pelo conjunto dos foristas ao qual eles se opõem, dado que estes conceber-se-iam como participantes de uma dinâmica lúdica de *flerte* que os permitiria desfrutar da *conquista* das mulheres em questão:

> *Primeiro ponto depois de pagar $ as minas aparecem…o problema é que seguinte…tu tem que dar uma de conquistador e isso requer tempo…Dinheiro…esforço…lábia…nossa vei…isso é insuportável, sem contar que tu corre o risco de marcar uma janta um cafe…ter que pagar e ainda. A mina não dar pra ti.* **(symphony from death » 03 Set 2022, 17:14)**
>
> *Entendo quem gosta dessa parte do flerte e da paquera, não se importando em perder tempo buscando a guria no trabalho e tomando um café ou uma bebida com a prestadora antes de ir para o motel, mas, tem caras (e eu me incluo neste perfil) que não curtem toda esta enrolação para chegar no que realmente interessa que é o ato sexual.* **(Hisoka85 » 04 Set 2022, 21:56)**
>
> *Acredito que a grande vibe dos confrades que partem para essa modalidade é a sensação de estar "trovando/flertando".* **(franckdarko » 19 Fev 2023, 15:29)**

A ambiguidade desse contexto de mercantilização permitiria a concretização de uma vinculação na qual o dinheiro não seria demarcador de fronteiras em face da esfera das emoções, como usualmente ele tende a ser justificado:

> *Ninguém cogitou em comer de graça…isso é pra quem quer relação ou romance. Nada a ver com o tópico* **(Qualquer1 » 06 Set 2022, 15:13)**.

À luz da indeterminação desse contexto de mercantilização, o dinheiro serviria como um potencial ponto de conexão desses homens com uma exploração mais aprofundada da afetividade no interior das relações das quais participam.

Um indício que aponta para essa tendência corresponde a certa transformação do padrão de consumo sexual empreendido por certos foristas do GP-Guia que pode ser evidenciada pela substituição de uma sexualidade alicerçada na alta rotatividade de parcerias em prol de

da fidelização de mulheres provenientes da mercantilização por desvio. Esse fato não passou despercebido por alguns foristas, sendo, inclusive, alvo de contestações:

> *Atualmente saio com uma menina do MP (15 meses +ou-) e outra foi indicação que um amigo do forum conheceu pelo Tinder (8 meses +ou-). Meninas novas, sexo bom, elas realmente gostam, eu gosto. Elas ganham por isso, não me inc9omodam, eu não incomodo elas. Saio 4x por mês com uma. E a outra 2x por mês com a outra. Segurança, sigilo e maturidade total* **(mento » 18 Mai 2023, 15:38)**
>
> *Sobre isso, tenho também as minhas confirmadas, contudo, eu não marco com elas nessa mesma frequência que tu vai com as que tu fidelizou (isso pra mim configura quase um casamento/ relacionamento poligâmico que é muito comum nos países muçulmanos e pra mim esse modelo não serve, já que gosto de rotatividade no cardápio). Dito isso, quando tu passa essa ideia de que o melhor seria escolher as mais tops para fidelizá-las e ficar comendo somente essas gurias por 8 a 15 meses direto, isso acaba fugindo do debate inicial que tu mesmo propôs lá atrás quando criaste este tópico (eu li todos os comentários e o foco principal era em como conseguir sexo casual pago utilizando aplicativos e não em como fidelizar prestadoras e construir um quase relacionamento sugar).* **(Hisoka85 » 18 Mai 2023, 17:10, com grifos meus)**
>
> *E eu prefiro fidelizar por causa dos riscos por ser casado e etc.. pela chance de golpe etc.. e pela certeza de ter sexo quando eu quiser e ser bom* **(mento » 22 Mai 2023, 13:55)**

A aparente banalidade do questionamento de **Hisoka85** a **mento** sobre a fidelização merece um exame mais detido, pois essa situação permite observar a articulação de uma série de problemáticas correlatas que conformam a existência e o exercício de formas diferenciais de masculinidade. Para tanto, um primeiro aspecto a ser ressaltado corresponde à alegação compartilhada tanto por Douglas e Isherwood (2004) como por Williams (1979) de que o consumo se configura como uma instância central para a compreensão da estruturação da cultura, dado que essa prática não apenas permite que se desvelem os sistemas de inteligibilidade que modalizam uma realidade social particular em um tempo histórico determinado, como também aponta para uma compreensão de cultura dinâmica e processual ao entender tal noção como uma matriz de significação heterogênea e mutável cuja concretização empírica envolve a existência de disputas travadas entre os agentes sociais sobre a legitimidade tanto dos objetos sociais relevantes quanto dos próprios modos de ser e agir daqueles que se relacionam com tais objetos.

Essas disputas travadas, por um lado, revelam que as capacidades materiais, simbólicas e institucionais de imposição de formas específicas de definição para um objeto são desigualmente distribuídas entre os agentes, o que assinala a existência de graus distintos de convencionalização sobre o significado desse objeto. Ao mesmo tempo, tais confrontos apontam para processos de formação de *hegemonia* (Williams, 1979; Comaroff; Comaroff, 2010) nos quais a atribuição de uma rede de significados particular a um dado objeto produz um efeito de naturalização em torno de sua apreciação social, diminuindo seu potencial de controvérsia definicional. Por outro lado, considerando que o consumo configura o momento de atualização da matriz de inteligibilidade cultural, as lutas sociais travadas em torno do sentido atribuído a um objeto servem, como bem observou Sahlins (1997), para colocar em risco as categorias sociais que organizam as formas de percepção de uma realidade particular.

À luz das problemáticas teóricas acima apresentadas, a postura de **Hisoka85** em interpelar **mento** torna-se metodologicamente compreensível quando se aciona a noção de *companheiro aquiescente* (Douglas; Isherwood, 2004), isto é, os membros do grupo que promovem a apreciação da pertinência tanto das escolhas e modos de consumo efetivados por um dado

agente social quanto dos próprios juízos mobilizados pelo agente social em questão para realizar tais escolhas e formas de consumo. Assim, a declaração do primeiro forista pretende efetuar um julgamento sobre a pertinência das práticas de consumo manifestadas pelo último com o propósito de desqualificá-la e de regulá-la. Acerca dessa última questão, é interessante observar não apenas a preocupação de **mento** em responder à interpelação, como a base argumentativa mobilizada pelo forista para proceder à justificação. Nesse sentido, **mento** procura se alicerçar no caráter dissociativo do dinheiro ao explicar a fidelização como um procedimento de diminuição de riscos baseado na confiança em um conjunto restrito de mulheres, o que diminuiria as chances de sua infidelidade chegar ao conhecimento de sua esposa.

Que razão impeliria **Hisoka85** a criticar o tipo de consumo realizado por **mento**? Evidentemente, tal incômodo suscitado em **Hisoka85** não encontra sua explicação em uma motivação puramente individual senão no caráter potencialmente transgressor que a postura de **mento** poderia ter em face dos *ideais morais* (Durkheim, 1994) compartilhados pelos foristas do GP-Guia, que lhes prescrevem formas desejáveis de exercício da masculinidade. A apreciação de **Hisoka85** sobre o consumo sexual empreendido por **mento** remete a uma *reivindicação normativa subjacente*:

> [...] os discursos normativos podem ser compreendidos como tentativas gerais para entender a natureza das responsabilidades morais e para convencer os demais de que as interpretações e avaliações que a gente formula são corretas (Archetti, 2003, p. 172, em tradução livre).

Qual seria a especificidade da norma que a ação de **mento** teria violado? Quando **Hisoka85** compara a relação experimentada por **mento** com as mulheres do Tinder a um casamento ou à poligamia, ele pretende sugerir que tais formas de associação estão pautadas pela existência de um envolvimento emocional incompatível com a sexualidade desimplicada – marcada pela *rotatividade* de parceiras – que caracterizaria a masculinidade reivindicada pela identidade como *confrade* ou *putanheiro*.

A prática da *fidelização* constitui um risco importante para o sistema de classificação que fornece sustentação à moralidade e às práticas empreendidas por **Hisoka85**, pois ela pode vir a fomentar certa confusão entre as fronteiras supostamente rígidas que separam as inalienáveis mulheres *civis* das alienáveis *garotas de programa*, estrutura essa na qual a mediação do dinheiro *idealmente* se afigura como um marcador de envolvimento afetivo.

A tendência à recriminação de expressões sentimentais em interações sexuais mediadas por dinheiro permanece intacta com relação às mulheres recrutadas em aplicativos de relacionamento, sendo realizada por meio de uma crítica à *romantização*:

> *Vcs estão tentando romantizar uma coisa que não existe romantismo, e nunca terá, vcs estão 100% enganados.* [...] *E provavelmente acontecera o mesmo, migrando putinhas pseudo civis, prestando serviço merda, pegando cabaços iguais ao amigo lá de cima que se rendeu pela beleza da puta e fez o que ela queria, não é um caso isolado, é o que acontece com a grande maioria dos que caem nesses contos, e buscam «naturalidade» ou «pseudo namoradinhas», querem continuar a enganação ou a enganar, blz... é escolha de cada um.* **(symphony from death » 23 Dez 2022, 23:43, com grifos meus)**
>
> *Eu concordo com o Sinfonia, puta é puta, vcs romantizam demais essa atividade, as vezes parece que querem se apaixonar por elas idealizando um sonho. Deve ser culpa da arte em geral (livros,*

> *filmes e mídia) até parece que as meninas no MP são jovens castas e sem objetivos finaceiros… não acredito que vcs são tão ingênuos de acreditar que um site de sugar babys esta cheio de santinhas…* **(yogui dog » 24 Dez 2022, 19:48)**
>
> *Longe de julgar os confrades, mas deixo aqui minha opinião: tendo plataformas como fatal model e etc, ao meu ver, essa onda de pegar "civil" no fundo é nutrir uma ideia de que vai existir envolvimento. Não digo de namorar e tal, mas de que lá, talvez lá no fundo, essa guria comece a "gostar" de você de fato.* **(KaiusHS » 26 Set 2023, 20:37, com grifos meus)**
>
> *Outra coisa.. nem pensar em ser suggar.… acho maior furada isso. Geralmente é um encontro e passo pra outra. A não ser que seja muito bom. E achar que vai rolar envolvimento… ta louco. Sei que tem muitos emocionados aqui e nutrem essa expectativa,,,mas no meu caso jamais.* **(Qualquer1 » 27 Set 2023, 09:13, com grifos meus)**

O conjunto de excertos destaca dimensões interessantes do modo como a noção de romantização é mobilizada para afirmar um modelo de masculinidade emocionalmente desimplicado. **Symphony from death**, por exemplo, procura conter a permeabilidade das rígidas fronteiras classificatórias entre civis e garotas de programa ao argumentar que a promessa de uma sexualidade mais autêntica, realizada por meio das mulheres do Tinder, seria ilusória, afinal, o suposto envolvimento diferencial que ela promete consistiria em uma cilada de tais mulheres para se aproveitarem de consumidores sexuais incautos. Já o relato de **yogui dog** tem o intuito de justificar a atração de uma parcela de homens por garotas de programa com base em um imaginário, materializado sob a forma de produtos culturais diversos, no qual a condição de marginalidade associada às garotas de programa não é revestida automaticamente por um valor moral negativo, mas, antes, evidencia certa ideia de fragilidade social – alicerçada na noção tácita de pureza de sentimentos – que suscitaria uma espécie de *mitopraxis* (Sahlins, 1997) ocidental da narrativa de redenção socioemocional por parte de um conjunto de homens considerados como ingênuos por este forista.

A pressuposição de uma relação incontroversamente utilitária ecoada no depoimento de **symphony from death** ampara as declarações fornecidas por **KaiusHS** e **Qualquer1** quando eles questionam a possibilidade de um envolvimento sincero que possa emergir em meio a esse contexto mercantil. Ambos ressaltam – e criticam – a predisposição de "alguns homens" em nutrir uma esperança de que possa existir algo a mais em jogo, no contato com as mulheres do Tinder, que a concretização do ato sexual. Além de indesejável, o envolvimento, para **KaiusHS** e **Qualquer1**, também é concebido como um devaneio.

Nesse sentido, os depoimentos acima se opõem a uma transformação da sexualidade rumo à adoção de uma lógica mais *confluente* (Giddens, 1993) na qual o prazer feminino também é afirmado e se reivindica um maior igualitarismo entre os parceiros, mesmo em relações episódicas, como forma desses próprios homens alcançarem uma satisfação sexual mais plena. Uma postura mais ativa e participativa das mulheres – que os foristas costumam denominar pela noção êmica de *envolvimento* – afigura-se como um horizonte do próprio prazer masculino não necessariamente por uma marcação de poder entre os participantes, mas enquanto forma de estabelecer uma relação de complementaridade através da constituição de uma esfera de intimidade. Porém, essa reivindicação de uma masculinidade *emocionalmente implicada* (Sacramento, 2005) por tal parcela de foristas é assimilada por seus antagonistas no GP-Guia, como se pôde observar, como uma verdadeira perda da masculinidade.

Como incômoda voz dissonante, **mento** afirma publicamente a viabilidade de masculinidades alternativas ao ideal moral compartilhado no âmbito do GP-Guia – que

corresponde ao modelo hegemônico de masculinidade. Ele defende a legitimidade de *formas múltiplas de consumo sexual*, incluindo as questionadas modalidades romantizadas. Convém aqui destacar, porém, que embora o próprio **mento** pretenda atribuir para si uma masculinidade qualitativamente divergente com relação à forma hegemônica, seu discurso apaziguador não pretende criticar a vertente dominante, mas antes, deseja ressaltar a coexistência entre múltiplas formas de masculinidades:

> *Outra coisa se vc é gosta de ser direto no sexo blz bom pra ti, eu não gosto assim, e outros também não. Talvez tenha alguém que goste só de conversa, outro que goste de tirar foto, ou ficar olhando para os pés e não queira fazer sexo…* ***(mento » 23 Dez 2022, 15:05, com grifos meus).***
>
> *Caramba cada um tem seu estilo, se o cara quer romantizar deixa o cara.. Se vocês gostam de tratar elas como putas como são, blz.. Cada homem vai ter um perfil e faz parte. Se o cara compra foto e vídeo, se o cara paga só para ter atenção, se o cara paga só para ter punheta, se o cara paga só para ter massagem, se o cara paga só para ter um sexo direto, se o cara paga ou tenta ter algo estilo namorada… Deixa os caras…* ***(mento » 25 Dez 2022, 13:34, com grifos meus).***

Inspirada pela noção gramsciana de hegemonia, a noção de *masculinidade hegemônica*, segundo Connell e Messerschmidt (2013), configura-se como uma contribuição teórica preocupada em entender a produção de consenso social na esfera do relacionamento entre os gêneros, que estaria na base do processo de manutenção da estrutura patriarcal. No entanto, reconhece que não existe uma expressão única da masculinidade, senão formas distintas de se vivenciar essa identificação, ressaltando, porém, a existência de legitimidades diferenciais entre as manifestações concretas de tais identificações. A masculinidade hegemônica, nesses termos, subordinaria as masculinidades alternativas e sua aderência social não se processaria por meio da violência física senão da manipulação da dimensão simbólica, materializada mediante o advento das formas de exemplaridade, às quais seriam associados valores, ilusões e fantasias reivindicadas por certas instituições sociais. Embora poucos homens vivenciem dado ideal da masculinidade hegemônica em sua plenitude, sua força emerge de sua dimensão normativa, dado que ela cristaliza as formas honradas de se fazer homem e, simultaneamente, exige um posicionamento dos homens concretos em face de sua expressão. Connell e Messerschmidt (2013) salientam, contudo, que a vivência concreta da masculinidade pelos sujeitos não é incontroversa e, com frequência, contempla deslocamentos entre as manifestações hegemônicas e alternativas a depender das circunstâncias em que eles estejam implicados. Ademais, a configuração da masculinidade hegemônica possui um caráter localizado e histórico, sendo passível, portanto, de rearticulação, que se produz tanto em interação com a constituição das masculinidades alternativas (compreendidas em suas dimensões interseccionais entre classe, raça, idade, etnicidade e região, por exemplo) quanto em oposição às noções vigentes de feminilidade (Viveros, 2018). No âmbito da discursividade tecida entre os participantes do fórum GP-Guia, os atributos em torno deste ideal de masculinidade coincidem com aqueles descritos por Sacramento (2005, p. 93):

> […] força e resistência física, atividade, domínio e controle das emoções, satisfação sexual irreprimível e incontrolável, sexualidade orientada para penetração, direito à promiscuidade sexual, obrigação de demonstrar a competência sexual.

As últimas situações etnográficas acima descritas – a interpelação de **mento** por **Hisoka85**; a crítica ao romantismo feita por **symphony from death, yogui dog, KaiusHS** e **Qualquer1**; e a defesa de **mento** à convivência entre distintas formas de masculinidade – ajudam a delinear os contornos de uma dinâmica complexa, sobre a inteligibilidade das mulheres da mercantilização por desvio, e que se torna ainda mais tangível pelo reconhecimento de um curioso paradoxo. Uma das retóricas mais empregadas pelos foristas corresponde ao receio de precisarem lidar com certa *incomodação*, em linguagem êmica, decorrente das relações sexuais pontuais com mulheres que teriam a pretensão de construir um relacionamento sério e duradouro:

> *Agora, tem uma penca de mina que quer dar uma banda de graça no Tinder, mas eu fico tenso de dar essas bandas e a mina se apaixonar e incomodar... Já tive problemas com isso...* **(gaucho21cm » 26 Abr 2021, 14:32, com grifos meus)**
>
> *Pra mim putas no tinder nao vale. Mas mulherada comum que quer sexo casual...vale muito a pena. Uma pena nao poder postar TDs dessas...pois tive fodas muito boas....mas o problema depois vem tambem...ficam querendo sair de novo.* **(symphony from death » 03 Set 2022, 17:14, com grifos meus)**
>
> *Vou falar um pouco da minha experiência no Tinder happn, tem muita gorda, maluca e travesti, se quiser comer alguem de graça tem q gastar um tempo trovando eu particularmente não tenho mais saco pra isso, as que eu acabei saindo sempre o cara marcha com jantar ainda ficam se fazendo pra dar no primeiro encontro, uma tática boa que uso é quando vou levar elas pra casa eu pego ai fico uns 5min beijando ai eu tiro o pau pra fora ... acontece 3 opçoes ou fala pra ir pra num motel, poem na boca ou fala pra irmos devagar e só poem a mão, chego em casa mando um foto de uma bolsa termica e falo q voltei com as bolas doendo ai no segundo encontro elas dão de barbada, mas ai tem q iludir com namoro e trazer pra comer em casa, eu falo que tenho saudade de fazer programa de namorado de comer porcaria olhar filme e dormir junto, com essa não tem erro dai depois de comer elas vem achando que tamo namorando eu já mando que falei que tinha saudade de fazer programa de namorado mas namorar eu não tenho saudade, elas ficam puta da cara mas é tri* **(Metelho17 » 31 Ago 2020, 23:41, com grifos meus)**
>
> *Sobre a questão do tempo livre (temos de 2 a 3 horas que é meio o padrão desse mercado, fora algumas exceções onde tu pode conseguir uma pernoite por um valor bem em conta, mas, geralmente isso só rola se a guria tiver segundas intenções: Teve uma que fez isso comigo e depois percebi que ela estava fazendo isso porque queria um relacionamento sério com filhos e tudo mais e aí pulei fora na hora).* **(Hisoka85 » 17 Mai 2023, 13:30, com grifos meus)**
>
> *As civis é uma grande perda de tempo e muita chance de incomodação, fora o risco do cara cair em golpe ou até crime mesmo. Muito cuidado com isso galera.* **(Qualquer1 » 13 Set 2019, 17:28)**

O fio condutor desses relatos consiste no compartilhamento de uma mesma representação essencialista das mulheres que, indistintamente, as posiciona como pessoas para quem a sexualidade está condicionada à vinculação emocional. Assim, o sexo, para todas as mulheres, seria uma isca visando a construção de um relacionamento sólido. Essa idealização é concebida por esses homens como o aprisionamento do caráter irrefreável da constituição "natural" da sexualidade masculina:

> *[...] mas eu tenho alguns problemas e preciso ter sexo com mulheres diferentes...sou um compulsivo sexual"* **(symphony from death » 03 Set 2022, 17:14)**.

Ao mesmo tempo que pretendem celebrar o valor sagrado de uma masculinidade emocionalmente desimplicada – e nesse sentido o fórum parece se constituir como um espaço ritual de atualização da crença nos ideais morais (Durkheim, 1994) cristalizados pela

ideia hegemônica de masculinidade – tais depoimentos se prestam a fornecer uma espécie de demonstração pública da virilidade exercida por cada um dos seus redatores. Afinal, a atração que exerceriam sobre as mulheres seria uma prova da irresistível capacidade desses homens de dominarem as dominarem através da habilidade em lhes prover prazer (Bourdieu, 2002). Ademais, tais foristas também querem evidenciar sua astúcia em conseguir tanto desfrutar de uma modalidade sexual episódica quanto se desvencilhar das armadilhas de arrebatamento suscitados pelos encontros com suas parceiras sexuais.

O depoimento de **Metelho17** é sintomático dessa postura de automitificação que as narrativas acima procuram endereçar ao público leitor do fórum como forma de afirmação da masculinidade por meio do relato das próprias façanhas sexuais. Além disso, tal *performance* salienta o caráter público da produção da identidade masculina, que se configura a partir das manifestações de honra e virilidade empreendidas perante uma comissão de pares com a hesitante expectativa de que estas possam ser julgadas e validadas enquanto dignas de um legítimo homem (Bourdieu, 2002; Sacramento, 2005). Como sintetizou Cantalice (2009, p. 174), "[...] para fazer-se homem é preciso convencer os demais de que se é".

As narrativas publicadas no fórum estão sendo continuamente submetidas ao crivo dos demais membros do GP-Guia e, tal qual a noção de *perda da face* (Goffman, 2004) indica, a ousadia de um usuário em compartilhar relatos e opiniões nesse ambiente implica o risco de ter sua masculinidade desacreditada em público. Por isso, a tematização explícita de formas alternativas de manifestação da masculinidade, como propôs **mento**, além de precisar ser cautelosamente elaborada, deve se inscrever nos limites estabelecidos pelos ideais morais sobre masculinidade do fórum para que a própria masculinidade de seu proponente não seja alvo de controvérsia. Isso ajuda a explicar a opção de **mento** por uma abordagem argumentativa conciliadora.

Como salienta Archetti (2003), a relacionalidade a partir da qual a noção de masculinidade se reveste de significação não é estabelecida apenas pela rejeição à feminilidade, mas, também, destaca as relações de contraste que ela estabelece com as disposições identitárias forjadas com outros homens. Esse aspecto permite compreender as estratégias de afirmação da masculinidade articuladas por uma parcela de foristas por meio das tentativas de emasculação da identidade alheia, procedimento que destaca a coexistência de uma dimensão competitiva da produção da identidade masculina em meio ao clima de companheirismo encenado (Bourdieu, 2002; Sacramento, 2005). O caráter constitutivo da dominação intramasculina na produção dessa identidade de gênero solicita que se preste atenção às formas como os homens avaliam e classificam outros homens, como criam distinções entre si e os demais e como se colocam em determinadas categorias frente a outros homens.

4 Bastidores Narrativos e o Caráter Dual da Masculinidade

O cuidadoso *controle da fachada* (Goffman, 2004) coloca em primeiro plano o que Sacramento (2005) definiu como o *caráter dual da masculinidade*, isto é, a existência de uma disjunção entre os relatos públicos acerca da masculinidade – que tendem a reiterar os ideais morais que conformam a noção hegemônica de masculinidade – e as práticas privadas desses homens – que operam em algum grau de descompasso com a rigidez de tais ideais morais.

Desse modo, as fissuras constitutivas à própria manifestação empírica da masculinidade costumam ser invisibilizadas em prol de uma coerência e um controle da situação performada textualmente.

Não obstante, nem sempre a *performance* pública de masculinidade acaba sendo realizada a contento, de modo que os *bastidores* (Goffman, 2004) – aquilo que se desejaria manter fora do alcance dos demais, o que frequentemente corresponde à explicitação de aspectos indevidos da dimensão praxiológica da masculinidade – acabam por vir à tona, explicitando a disjunção entre o desempenho realizado e os ideais morais dos consumidores sexuais do GP-Guia. Logo, o paradoxo acima anunciado refere-se ao fato de que as performances de desimplicação emocional reiteradamente compartilhadas entre os foristas nem sempre encontram eco nas situações concretas de que participam.

Ao longo do tópico "Tinder – gp, acompanhantes e novatas", esse flagrante tende a ser evidenciado no caso da produção de relatos sobre as experiências malsucedidas dos foristas com as mulheres do Tinder que, ao tentarem se constituir sob a condição de alerta para a comunidade, acabam se traindo e explicitando o caráter dual da masculinidade de seus redatores. Duas histórias relatadas no fórum ilustram bem esse deslize de *performance* e reivindicam uma análise pormenorizada de suas consequências no debate travado no tópico.

4.1 Os Aprendizados de GdrdeNH

A história narrada por **GdrdeNH** registra os encontros sexuais que ele teve com uma moça proveniente da mercantilização por desvio. O clímax da narrativa se dá quando **GdrdeNH** conta aos demais foristas os inusitados detalhes de seu terceiro encontro com a mulher[5].

Inicialmente, ele revela haver sugerido à moça que eles se encontrassem na casa de sua mãe, em Novo Hamburgo, para não precisar pagar pelo motel, proposta com a qual ela concordou. **GdrdeNH** a buscou de moto em Canoas e seu périplo teve início: resumidamente, a moça tentou postergar ao máximo o intercurso sexual com ele no intervalo entre 21h de 17 de dezembro de 2022 e 7h de 18 de dezembro de 2022, período em que estiveram juntos. Paralelamente, ela fez uma série de solicitações que incluíram desde uma ida a um posto de gasolina para tomar algumas cervejas até uma viagem relâmpago à Gramado, para que ela pudesse ver a decoração de natal da cidade. Ele concordou com todos os pedidos com a expectativa de que o intercurso sexual seria realizado, o que só ocorreu em um motel na cidade de São Leopoldo, por volta das 6h, após o forista ameaçar não a pagar caso ela mantivesse sua postura. A história termina com a indignação de **GdrdeNH** diante do ocorrido e tem o objetivo de desestimular o uso do Tinder como estratégia de recrutamento de mulheres para encontros sexuais.

Analisando o depoimento de **GdrdeNH,** chama a atenção a natureza ambivalente da sua *performance* textualmente materializada. Da mesma maneira que tenta preservar sua fachada, adotando uma linha de ação fundamentada em um roteiro de gênero alinhado com os ideais de masculinidade vigentes na estruturação do GP-Guia, ele efetua vazamentos de informações de bastidores que colocam em xeque o desempenho que pretende transmitir aos foristas.

[5] Disponível em: https://www.gp-guia.net/viewtopic.php?f=190&t=205180&start=120. Acessado em: 6 de setembro de 2024.

Uma primeira contradição corresponde à declaração que abre seu testemunho:

> *A parte de ser culpa do metodo de usar o aplicativo ou não, quero relatar a experencia assustadora para o bolso e a saude mental de todos os putanheiros, que eu tive o desprazer de presenciar na pele*" **(GdrdeNH » 18 Dez 2022, 10:37, com grifos meus)**.

Enquanto o título de sua narrativa pretende culpar o recrutamento de mulheres realizado no Tinder pela situação transcorrida – "*NÃO ROMANTIZEM ESSA MERDA DE TINDER, EU ME FUDI COM ISSO*" –, **GdrdeNH** coloca-se em questão ao aventar a possibilidade de ele próprio ser o responsável pelos rumos inesperados que sua vida tomou naquele intervalo de tempo. Mas, em que consistiria essa responsabilidade? Para responder a essa questão, convém compartilhar alguns excertos que exprimem a ambivalente racionalidade articulada por **GdrdeNH**:

> *Marcamos um segundo encontro, que tive que desmarcar por contratempos no trabalho... ate aqui tudo extremamente normal.. mas logo apos isso, uma atitude estranha começou a vir da parte dela, de querer pressionar para esse segundo encontro acontecer logo, duma forma que parecia muito natural (SQN) como "saudades de voce", "gostei de ficar contigo", "quero muito te ver de novo" e coisas do tipo. Sem mencionar a interaçao um pouco excessiva da parte dela, de me chamar toda hora e ficar perguntando sobre minha vida e meu cotidiano e etc... Aqui ja era um sinal. [...] Essa canoense começou a me procurar muito intensivamente num espaço muito curto de tempo... ja falei aqui que ela é nitidamente de um padrao financeiro mais alto que o meu, e apesar de eu nao ser o cara mais feio do mundo, nao sou tambem um baita homao, entao essa procura pela parte dela tava me causando certa desconfiança.. Camaradas nao sou iludido. Sei que o que ela queria, era os peixe e as onça ($$$). Mas me surgiu um questionamento, de por que essa menina tá fazendo isso comigo quando ela facilmente tem acesso a muitos outros caras que estão mais qualificados que eu em varios sentidos?? Tentei ver uma lógica dela sinceramente gostar da minha companhia. Ja tive uma experiencia parecida com uma GP assumida que ficou proxima de mim (era minha vizinha e acabamos fazendo amizade, ela tinha 18 anos) e no final acabou me "extorquindo" semanalmente com contas e coisas pra pagar, porem a forma como essa canoense se portou foi sutilmente diferente. O que me fez crer que ela não estivesse tão mal intencionada assim kkk.. Mas vamos la, ao terceiro encontro. Previamente a isso, mais mensagens de "gosto muito de voce", "quero muito te ver de novo", "penso em ti o dia inteiro" e bla bla bla. De fato nunca acreditei nisso, mas agia reciprocamente na esperança de poder extrair dali uma amizade juvenil – supostamente – sincera onde o sexo estaria presente como uma moeda de troca literal da parte dela.. novamente repito, a beleza e o estilo da menina me deixou cego pelo encantamento e fui cativado por isso.* **(GdrdeNH » 18 Dez 2022, 10:53, com grifos meus)**

A mesma ambiguidade que caracteriza o estatuto das mulheres de mercantilização por desvio – ressaltada na intrigante descrição "*Ela é puta, mas ao mesmo tempo não é*" ***(GdrdeNH » 18 Dez 2022, 15:09, com grifos meus)*** – parece configurar o tom da *performance* que os fragmentos acima permitem entrever. Por um lado, **GdrdeNH** se dirige aos demais foristas para tentar convencê-los de que ele não conduziu a situação de maneira ingênua. Ele tenta demonstrar ao *júri* que sua desconfiança quanto à aproximação da moça do Tinder era sinal de uma leitura racional e consciente da interação entabulada: "*Camaradas nao sou iludido. Sei que o que ela queria, era os peixe e as onça ($$$)*" ***(GdrdeNH » 18 Dez 2022, 10:53, com grifos meus)***. Assim, **GdrdeNH** tenta provar ao tribunal que tomou a ação premeditada de tentar utilizar a seu favor o sentimentalismo da referida moça, para indicar perspicácia:

> *"De fato nunca acreditei nisso, mas agia reciprocamente na esperança de poder extrair dali uma amizade juvenil – supostamente – sincera onde o sexo estaria presente como uma moeda de troca literal da parte dela.* **(GdrdeNH » 18 Dez 2022, 10:53)**.

Por outro lado, seu excesso de honestidade o trai ao revelar a hesitação que sentiu diante da possibilidade de que ela pudesse, genuinamente, gostar dele:

> *Mas me surgiu um questionamento, de por que essa menina tá fazendo isso comigo quando ela facilmente tem acesso a muitos outros caras que estão mais qualificados que eu em varios sentidos?? Tentei ver uma lógica dela sinceramente gostar da minha companhia* **(GdrdeNH » 18 Dez 2022, 10:53)**.

O ápice da franqueza, porém, se refere à comparação que ele realiza entre a moça do Tinder e sua antiga vizinha para justificar a suposta boa intencionalidade da primeira em detrimento da última. Essa comparação, porém, serve como uma verdadeira confissão de culpa, pois apresenta ao júri do GP-Guia um precedente do crime do qual ele, novamente, se mostra *responsável*: ao não saber separar o envolvimento sexual do afetivo, se tornou presa fácil da persuasão da moça que conhecera no Tinder – comportamento oposto à astúcia de um representante da masculinidade legítima:

> *Concordo com os outros colega, o problema não é a puta nem o tinder o problema foi o cara que se deixou entrar nessa situação* **(dum45 » 19 Dez 2022, 22:05, com grifos meus)**
>
> *Se tu tivesse lido o "Antiotário", nada disso teria acontecido!* **(teachergo » 20 Dez 2022, 10:26)**
>
> *Então amigo, igual o amigo do fórum falou que a culpa não é do TINDER ou da ferramenta, você agiu como um MACHO BETA total. Como disse o amigo, leia o Anti Otário, ou siga alguns canais de macho alpha ou leia alguns livros. Tu achou uma menina no tinder que o sexo é bom, que vc tem flexibilidade, vc que errou fazendo tudo que ela pediu… No final da história pensei que ela tinha feito algo muito grave kkkkkk* **(mento » 20 Dez 2022, 10:58, com grifos meus)**
>
> *Sim. O Tinder é ruim, mas o público que o consome tbm é … então juntou os 3, um aplicativo que só te tira grana, + putas "amadoras", entre aspas pq sabemos que elas já trabalham nisso, e só metem o godo de que são novatas, + putanheiros amadores… Não vou nem comentar sobre relato do confrade, só dá pra dizer que TALVEZ tenha apreendido.* **(symphony from death » 19 Dez 2022, 19:23, com grifos meus)**
>
> *Caras, o camarada errou feio? Sim e muito!!! Mas o cara foi enfeitiçado pela beleza da moça, que assim como todas as mulheres, vai testando o limite do do cidadão. Infelizmente ele não soube cortar a puta, que percebendo isso foi pedindo cada vez mais. O interessante é que ele demonstrou ter algum discernimento e talvez até um feeling de que poderia estar caindo numa cilada. Mas se deixou levar pelos encantos da puta patricinha. Meu amigo, onde já se viu sair para comer a puta em NH (ou região) e ir parar em Gramado???? Levar em casa??? Conhecer a mãe…. Não dá né? O camarada foi muito cabaço, mas é um pouco compreensível ter cedido aos encantos da percanta. Agora fica o prejuízo e junto com ele o aprendizado (ou não?).* **(Carimbador69 » 20 Dez 2022, 21:20, com grifos meus)**
>
> *O nosso colega ai do expresso Novo Hamburgo gramado, nem vou criticar pq fiquei numa de um ano com uma kkkkkkkkkk Enfim são sereias com os seus cantos ou seus rabos encantadores kkkkk* **(Canadura » 20 Dez 2022, 23:51)**

Conforme as apreciações indicam, o veredito de culpabilidade de **GdrdeNH** é *praticamente* unânime. A feminização de sua masculinidade – expressa por expressões como *macho beta*, *putanheiro amador* e *cabaço*, de maneira a ressaltar a falta de virilidade do comportamento de **GdrdeNH** – corresponde à penalização adotada pelos foristas no julgamento do relato de **GdrdeNH**, penalização que, pelo contraste que estabelece com a posição do dominado, pretende fortalecer a legitimidade da masculinidade dos próprios avaliadores.

Apesar da condenação do consumo sexual realizado por **GdrdeNH,** feita por seus *companheiros aquiescentes*, convém destacar certos aspectos particulares de alguns dos

depoimentos para fornecer um retrato mais nuançado sobre as *performances* de masculinidade desempenhadas pelos foristas do GP-Guia. O primeiro ponto a ser ressaltado corresponde à contradição do depoimento de **mento**: o forista aparentemente mais progressista do tópico, único a se posicionar explicitamente em prol da coexistência de múltiplas masculinidades e a reivindicar a legitimidade de envolvimentos romantizados dos membros do GP-Guia, não perdeu a oportunidade de rebaixar a masculinidade de **GdrdeNH** ao qualificá-lo como *macho beta*. A postura ambivalente de **mento** serve para reforçar o alerta feito por Archetti (2003) de que a configuração da masculinidade não constitui uma totalidade de sentido estável e coerente, mas, antes, está intrinsecamente atravessada por contradições e possui uma natureza fragmentada, sendo possível a apreensão de suas múltiplas linhas de composição apenas na justaposição de contextos concretos de interação.

A masculinidade contra-hegemônica que **mento** reivindicou em um momento anterior, cujos traços coincidem com o que Sacramento (2005) denominou por "emocionalmente implicada", não impede sua alternância para uma masculinidade hegemônica que, igualmente, modula suas formas de apreciação da realidade social. Esse deslocamento corrobora a já apresentada observação de Connell e Messerschmidt (2013) de que a vivência concreta da masculinidade não é estática senão contextual, sendo acionada, portanto, de acordo com a especificidade das situações que os sujeitos participam. Além disso, é interessante observar como a pluralidade de masculinidades e feminilidades assinalada por **mento** em outros momentos do debate é subitamente reificada, fato que se torna ainda mais patente quando ele recomenda a **GdrdeNH** acessar conhecimentos que o permitiriam compreender a real natureza de cada um desses gêneros para se comportar apropriadamente no jogo entre esses pares opostos.

O segundo aspecto que merece atenção refere-se ao contraste entre o depoimento de **GdrdeNH** e as apreciações realizadas alguns dos foristas. Enquanto a *performance* de **GdrdeNH** está caracterizada pela exposição involuntária do caráter dual da masculinidade, a maior parte dos julgamentos realizados pelos participantes está alicerçada em um controle dos bastidores de suas práticas em prol da explicitação da fachada de masculinidade condizente com os ideais morais compartilhados no GP-Guia. Diante dessa oposição entre *performances* de masculinidade, dever-se-ia formular a hipótese de que a ausência quase completa de formas de solidariedade a **GdrdeNH** indica o receio dos demais foristas de, ao demonstrar qualquer tipo de identificação com *fraqueza* atribuída à **GdrdeNH**, incorrerem no risco de terem a sua masculinidade colocada em xeque.

A esse respeito, convém analisar como as únicas duas manifestações de compreensão diante da frustração de **GdrdeNH** foram estruturadas. **Carimbador69** adota uma estratégia curiosa: apesar de ponderar e entender o lado de **GdrdeNH,** ao deixar patente que todos poderiam estar sujeitos a essa circunstância e de enfatizar o aparente discernimento de **GdrdeNH** em reconhecer que poderia estar *entrando em uma cilada*, **Carimbador69** subitamente suspende o tom mais compreensivo e esboça um puxão de orelhas em seu colega de fórum, desqualificando-o através da utilização do rótulo pejorativo de *cabaço*. Se a identificação com a narrativa de **GdrdeNH** não é, a priori, proibida, além de não poder ser completa, sua viabilidade se torna mais aceitável apenas quando inscrita no regime de masculinidade que opera no fórum.

A manifestação de solidariedade de **Canadura**, por seu turno, assumiu maior grau de risco, pois ele explicita ter passado por uma circunstância semelhante à descrita por **GdrdeNH**. No entanto, por não entrar em detalhes sobre o episódio, esse aspecto controverso passou despercebido e não suscitou questionamentos dos foristas.

O julgamento dos participantes do GP-Guia da narrativa apresentada por **GdrdeNH** corrobora, empiricamente, a formulação de Almeida (1995, p. 17) sobre o grande poder de modelação subjetiva da *masculinidade hegemônica*, cujos valores alicerçam os ideais morais de gênero veiculados no âmbito do GP-Guia: "[trata-se de um] modelo cultural ideal que, não sendo atingível por praticamente nenhum homem, exerce sobre todos os homens um efeito controlador". Diante disso, vale ressaltar a reticente expectativa endereçada por alguns foristas[6] de que **GdrdeNH** pudesse extrair um *aprendizado* de sua traumática experiência. A execração coletiva sofrida por **GdrdeNH**, com as gozações e provocações de seus parceiros de fórum, materializa o poder regulador operado no processo de constituição da hegemonia ao visar à promoção do reajustamento simbólico de sua masculinidade para que ela possa se adequar ao exercício legítimo da identidade masculina segundo os ideais morais compartilhados no GP-Guia. Não por acaso, em sua reaparição após dois anos ausente, **GdrdeNH** faz uma remissão ao debate instaurado sobre seu relato ao salientar a adoção de uma nova postura:

> *Dessa vez eu aprendi e não vou continuar mantendo nenhum tipo de contato que ultrapasse a linha de "atendimento", mesmo que de forma disfarçada no tinder nao deixou de ser um TD* ***(GdrdeNH » 21 Jun 2024, 17:21, com grifos meus)***.

4.2 Jefao e o Consumo como Aspiração de Classe

Uma narração realizada por **jefao** sobre sua experiência com uma mulher proveniente da mercantilização por desvio salta aos olhos por explicitar a articulação entre dinâmicas de gênero e classe social. O forista inicia seu texto indicando sua surpresa com relação à posição social da mulher que conhecera no Tinder: "Porem ouve um match inusitado uma DENTISTA com pós graduação, e consultório próprio no litoral, *fiquei cheio de dedos para explicar o que se tratava o pefil* (apesar que uma foto de cifrão no perfil já diz tudo, porem *a gente não imagina esse nivel de gente vai querer)"* ***(jefao » 25 Jun 2024, 21:00, com grifos meus)***. O receio de formalizar a proposta de um "encontro com recompensa financeira" à dentista explicita a percepção de **jefao** quanto à assimetria de classe econômica existente entre ambos por meio da evocação de uma disparidade de caráter intelectual entre os potenciais parceiros sexuais. Após migrarem a conversação para o Whatsapp, o forista inicialmente revelou certo alívio com a declaração da dentista de que ela estaria a fim de realizar sexo casual, afinal, dado o "nível da mulher", ele temia a possibilidade de arcar com um encontro preliminar, sem sexo, para que pudessem se conhecer antes. Por outro lado, quando ela anunciou sua pedida pela relação sexual, **jefao** considerou o valor de 700 reais alto, ainda mais considerando que ele teria de se deslocar até o litoral e pagar o valor de um motel, pois a dentista não permitiu que o encontro se realizasse na casa dela.

O clímax do relato do forista, contudo, visibiliza o descompasso entre as idealizações de **jefao** com relação ao encontro com uma mulher de classe econômica superior à dele e a realidade empírica do momento compartilhado por ambos. A primeira decepção de **jefao** foi quanto ao visual adotado pela dentista:

> *[...] a mulher tava bem desarrumada parecia uma mendiga me esperando calças largas e um casaco cafona com capuz na cabeça(tava ma noite fria la) eu esperava uma mulher produzida devido ao status dela* **(jefao » 25 Jun 2024, 21:00)**.

[6] "*Creio que o cara que não deu limite para menina aprendeu, faz parte... A maioria só aprende errando, ou gostam de ficar no erro"* **(mento » 25 Dez 2022, 13:34)**

Enquanto eles se deslocavam rumo ao motel, **jefao** teve novo desapontamento:

> *- tu sabe né isso é uma coisa de amorzinho, esse tipo de coisa… beijo na boca essas coisa… baaah essa me quebrou como eu ia saber que um sexo com uma civil não ia rolar beijo na boca?* **(jefao » 25 Jun 2024, 21:00, com grifos meus)**.

Depois de uma primeira relação, em que o forista disse ter ejaculado rápido demais, **jefao** abortou a segunda tentativa devido às limitações impostas pela cólica da parceira e pela ausência de estímulos eróticos:

> *Fui pro banho depois ao recomeçar fui dedilhar a buceta não podia por causa da colica até ela botar o lubrificante de novo e continuarmos um pouco no ppmm depois de 4 a eu começar a ter sinais de paumolecencia, ai ficava dificil voltar pro campo denovo, sem beijar, sem eu poder fazer um oral, ja que a buceta com colica tava cheia de ky, sem ela fazer oral em mim, demos por encerrado* **(jefao » 25 Jun 2024, 21:00)**

Apesar das frustrações compartilhadas, **jefao** conclui seu relato dizendo não se arrepender da experiência: *"pois era algo que eu queria muito um fentiche meu meter a rola numa mulher 'poderossa'"* **(jefao » 25 Jun 2024, 21:00)**.

Para compreender as implicações da cena etnográfica apresentada, convém recorrer, inicialmente, ao ponto de partida de Viveros Vigoya (2018, p. 19) acerca de sua perspectiva interseccional nos estudos sobre masculinidades: "[...] havia meu desejo de questionar a existência de uma dominação masculina com efeitos universais e invariáveis". Essa observação, por sua vez, fornece sustentação ao argumento de Piscitelli (2008, p. 268) segundo o qual a *articulação* empírica entre diferentes categoriais sociais complexifica o entendimento das políticas de agência passíveis de serem assumidas pelos sujeitos ao contemplar formas de materialização diversificadas como "[...] coerção, negociação, cumplicidade, recusa, mimesis, comprometimento e revolta". Esse aspecto, salienta Viveros Vigoya (2018), aponta para a necessidade da relativização do pressupor a existência de sujeitos integralmente dominados e dominantes no estudo das diferenças vinculadas às dinâmicas de poder, sobretudo quando a perspectiva foucaltiana já havia evidenciado tanto que o poder não é uma dimensão exclusivamente repressiva como, também, que sua presença não é estática ao longo desenvolvimento das relações sociais forjadas entre os sujeitos.

Diante dessas considerações teóricas, a hipótese apresentada por Sacramento (2005) de que a atração de certos homens por mulheres pertencentes a uma classe social superior indicaria a manifestação de um poder compensatório, expresso pela via sexual, em face da diminuição ou ausência de poder em outras áreas da vida cotidiana de tais homens, não parece explicar satisfatoriamente os contornos da cena etnográfica em questão. O encantamento do forista com a possibilidade de se relacionar sexualmente com a dentista pós-graduada – explicitado por meio de todo o cuidado que ele tomou para viabilizar o encontro e por meio do imaginário que ancorava suas fantasias sobre a mulher de alto status socioeconômico – não parece se configurar a partir de um ressentimento compensatório senão de uma admiração por um estilo de vida mais elevado que o dele, aspecto esse que alude ao caráter aspiracional das práticas de consumo (França, 2012). Na possibilidade de estabelecer uma relação sexual com uma mulher percebida como profissionalmente bem-sucedida, **jefao** enxerga uma via para participar, momentaneamente, de um universo social – compreendido em termos de classe – do qual não participa.

Conforme discutido detidamente em outro artigo (Sant'Ana, no prelo), a quebra de expectativa vivenciada por **jefao** durante o intercurso sexual com a dentista também está relacionado ao valor da *antiprofissionalidade* que as mulheres recrutadas no Tinder materializam para uma parcela dos foristas do GP-Guia. Ao perturbarem o rígido sistema de classificação de mulheres que vige no interior do site entre Civis (mulheres inalienáveis) e GPs (mulheres alienáveis), embebendo-se de características presentes em ambos os lados do polo para construir seu valor específico, elas não seriam assimiladas por tais foristas sob a condição de prostitutas. Afinal, embora aceitassem realizar atividades sexuais em troca de dinheiro, o tipo de performance que ofereciam era compreendido como mais autêntico, pois elas não adotariam as estratégias de controle das garotas de programa *profissionais*, caracterizada pelo distanciamento emocional, pela racionalização da prática sexual e pelo controle do tempo. Assim, os participantes que advogavam em prol das egressas do Tinder argumentavam que elas lhes proporcionavam uma prática sexual mais espontânea e com maior *envolvimento*, inclusive desfrutando do momento compartilhado com eles.

A aspiração de classe presente no relato de **jefao**, portanto, se sobrepõe à busca por esse tipo de expectativa sexual particular. Aqui reside uma disjunção interessante presente na narração deste forista. Por um lado, ele tenta comunicar aos demais confrades a expressão de uma masculinidade *sexualmente expansiva* (Sacramento, 2005), caracterizada pela tentativa de separação entre as práticas sexuais e a esfera das emoções, de maneira a reivindicar pertença junto aos ideais morais que conformam o GP-Guia, aspecto que fica mais pronunciado no seu alívio por não precisar perder tempo e dinheiro com um encontro com a dentista sem a garantia da prática sexual. Por outro, os bastidores dados a ver em seu relato o traem revelando o caráter dual de sua masculinidade (Sacramento, 2005), afinal, o que ele comunica publicamente aos demais homens do fórum para afirmar sua condição masculina diverge dos seus reais anseios sobre como a desejada prática sexual com aquela mulher de alto status deveria ser. Se habitualmente o discurso sexual que promove a valorização das preliminares tende a estar associado à preocupação com o prazer feminino, o que o relato de **jefao** entrevê é o oposto: à indiferença manifestada pela dentista com relação a esse momento do intercurso sexual contrapõe-se a frustração de **jefao** com a ausência de estímulos apropriados para aumentar sua libido. Mais do que isso, não seria descabido especular que **jefao** estaria à procura de uma troca sexual de caráter mais igualitário – remetendo ao estabelecimento provisório de uma esfera de intimidade que Giddens (1993) qualifica como lógica *confluente* – na qual a satisfação do prazer não seria prerrogativa exclusiva dele, mas que contemplasse o compartilhamento do gozo com sua parceira.

Convém, por fim, salientar que o imaginário mobilizado por **jefao** referente tanto às mulheres recrutadas pelo Tinder, em geral, quanto ao *status* de classe da dentista, em particular, parecem peças importantes para dimensionar a capacidade de agir da dentista na determinação dos níveis de controle da intimidade da situação vivenciada por ambos. Uma possibilidade de interpretação aventada para o lamento de **jefao** em seu texto poderia residir em uma sensação de emasculação experimentada pelo forista diante do fato de a dentista definir os limites da troca da intimidade, aspecto que teria o potencial de embaralhar os roteiros de gênero usualmente mobilizados por ele fazendo com que o **jefao** perdesse seu próprio senso de masculinidade diante do surpreendente posicionamento de sua parceira sexual. No entanto, essa concepção parece não dar conta precisamente do passo anterior que teria assegurado à dentista a confiança para proceder de tal maneira, pois um posicionamento tão convicto quanto esse diante de um

homem desconhecido poderia implicar o risco de uma resposta pautada pela violência física. Há, portanto, de se interrogar sobre as condições de possibilidade que permitiram à mulher efetuar seu posicionamento enfático na condução dos rumos da atividade sexual. As interações prévias entre os dois no Whatsapp possivelmente forneceram pistas sociais importantes para que ela realizasse uma leitura adequada do lugar de **jefao** no âmbito da relação entre os dois, permitindo-a definir sua linha de ação. A redação do texto no fórum GP-Guia sistematicamente reitera o lugar subalterno a partir do qual **jefao** se colocava perante a dentista, seja através de sua hesitação ao abordá-la para a prática sexual, seja através da expectativa que ele tinha de dividir a cama com uma mulher socialmente prestigiosa – não à toa, essa improvável aproximação fora concebida pelo forista como um desejável fetiche. Ademais, o imaginário associado às mulheres do Tinder implicava o anseio por uma experiência sexual de prazer compartilhado com a parceira, com envolvimento recíproco, no qual o controle da ação não estivesse puramente concentrado em suas mãos. Essas duas condições somadas, parecem fornecer as pistas para a dentista perceber o alcance da sua capacidade de agir diante daquele contexto particular.

5 Considerações Finais

Ao se valer do estudo de uma forma particular de mercantilização sexual – caracterizado pela transformação episódica do *status* biográfico de um conjunto de mulheres que habitava os ambientes de sociabilidade de aplicativos de relacionamento para uma, não prevista, condição de mercadoria – para entender as consequências resultantes desse processo nas práticas de consumo sexual e na própria constituição da masculinidade de uma parcela de usuários do fórum digital GP-Guia, este trabalho procurou se opor àquilo que Miller (2007) qualificou como a *pobreza da moralidade*. Essa noção remete à problemática tendência de uma parte dos estudos sobre consumo de suprimir a investigação empírica sobre o funcionamento das suas dinâmicas concretas em prol da projeção de certas concepções morais sobre o que este consumo é ou deveria ser. No âmbito do consumo sexual, a crítica de Miller encontra uma expressão pertinente na observação de Olivar (2012, p. 218):

> Assim, se uma imaginada heterossexualidade masculina hegemônica, por constituir uma espécie de inimigo comum aglutinador das militâncias predominantes, transforma-se numa experiência que não encontra lugar de positivação nesse campo, é perfeitamente compreensível o silêncio sobre prostituição, já que, em um senso comum compartilhado, a prostituição materializa o poder masculino, heteronormativo, capitalista.

Na contramão da tendência assinalada por Olivar (2012) – de compreender o consumo sexual realizado por homens cis-heterossexuais por meio de molduras morais preestabelecidas que reduzem a complexidade da agência desses sujeitos ao imaginário negativo compartilhado sobre eles pelos analistas – o que a investigação encontrou, a partir da análise da troca de mensagens estabelecida no fórum GP-Guia entre clientes da mercantilização sexual desempenhada por mulheres cisgênero, foi um retrato muito mais nuançado e multifacetado acerca da maneira como estes sujeitos interpretam o funcionamento do mercado sexual e a si próprios, enquanto parte constitutiva da materialização desse mercado.

A controvérsia instaurada pela tentativa coletiva de conferir inteligibilidade a um fenômeno social inédito – a possibilidade de os foristas participarem de encontros sexuais pagos com

mulheres que, a princípio, não estariam disponíveis para essa finalidade – revelou-se bastante instrutiva por ajudar a compreender melhor as aspirações de consumo sexual dos membros do GP-Guia e, por consequência, levantava importantes questões sobre a maneira como estes lidavam com o exercício da sua masculinidade. Se, por um lado, a tipologia desenvolvida por Sacramento (2005) – marcada pela oposição entre formas implicadas e desimplicadas emocionalmente do exercício da sexualidade masculina – também pode ser verificada na disputa entre os anseios de consumo sexual reivindicados por diferentes foristas por meio de seus depoimentos, por outro lado, em virtude do caráter dual da masculinidade, a experiência concreta dos usuários do GP-Guia revela a rigidez das próprias tipologias não apenas pelo fato que o ingresso em cada uma delas é eminentemente contextual – pode-se desejar uma sexualidade emocionalmente implicada com certas mulheres, enquanto com outras não – mas também porque o caráter público da construção da masculinidade solicita a realização de certas performances perante os pares, em busca de legitimação social, que, não raramente, são desmentidas pela dimensão praxiológica entrevista por certos deslizes cometidos pelos usuários.

A suposta materialização absoluta e incontroversa do poder masculino – prefigurada nos enquadramentos morais a partir dos quais o fenômeno da mercantilização sexual das mulheres tende a receber inteligibilidade, que enxergaria na atividade sexual paga apenas mais uma expressão do controle dos homens sobre os corpos femininos –, embora constitua um ideal moral compartilhado pela identidade de gênero hegemônica que sustenta as trocas de mensagem no GP-Guia, quando cotejadas as situações concretas vivenciadas pelos foristas, nem sempre encontra validade empírica, seja porque uma parcela dos foristas anseia por um tipo de relacionamento sexual de caráter mais simétrico, seja porque as próprias mulheres também possuem agência e, em face disso, orquestram os contornos possíveis da relação estabelecida definindo limites – como na história de **jefao** – ou obtendo vantagens da inexperiência de certos homens – como na história de **GdrdeNH**. O feitiço da masculinidade, como bem observou Bourdieu (2002) e as situações etnográficas presentes nesse trabalho atestam, muitas vezes se volta contra o feiticeiro, dada a imensa dificuldade que os homens têm em corresponder às grandes exigências simbólicas e práticas tributárias do roteiro de gênero hegemônico a partir do qual uma parcela deles elabora sua autopercepção de si enquanto *legítimos* homens.

Agradecimento

Agradeço a Arlei Damo pelas ricas interlocuções em sala de aula e no Grupo de Antropologia da Economia e da Política (GAEP) que viabilizaram a construção do presente artigo.

Referências

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de Si**: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século Edições, 1995.

APPADURAI, Arjun. Introdução: mercadorias e a política de valor. *In*: APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Editora da UFF, 2000. p. 15-87.

ARCHETTI, Eduardo P. **Masculinidades**: fútbol, tango y polo en la Argentina. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CANTALICE, Tiago. **Dando um banho de carinho!** os caça-gringas e as interações afetivo-sexuais em contextos de viagem turística (Pipa RN). 2009. 260p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

COMAROFF, Jean; COMAROFF, John. Etnografia e imaginação histórica. **Revista Proa**, v. 2, n. 1, p. 1-72, 2010.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, jan./abr. 2013.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O Mundo dos Bens**: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2004.

DURKHEIM, Émile. Determinação do fato moral. *In*: DURKHEIM, Émile. **Sociologia e Filosofia**. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Forense, 1970. p. 43-69.

FRANÇA, Isadora. A The Week e o universo perfeito da boate. *In*: FRANÇA, Isadora. **Consumindo lugares, consumindo nos lugares**: homossexualidade, consumo e subjetividade na cidade de São Paulo. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p. 75-131.

GIDDENS, Anthony. **As transformações da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP, 1993.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. *In*: APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Editora da UFF, 2000. p. 89-121.

LEMOS, André. Dataficação da vida. **Civitas – Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 193-202, 2021.

MESQUITA, Daniella Chagas. "Seja bem-vinda ao lado LGBTQIA+ do TikTok": gêneros e sexualidades em mediações algorítmicas. **Simbiótica**, v. 10, p. 207-226, 2023.

MILLER, Daniel. Consumo como cultura material. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 13, n. 28, p. 21-44, dez. 2007.

MOL, Annemarie. Política ontológica: algumas ideias e várias perguntas. *In*: NUNES, João Arriscado; ROQUE, Ricardo (org.). **Objectos impuros**: experiências em estudos sociais da ciência. Porto: Edições Afrontamento, 2008. p. 99-118.

OLIVAR, José Miguel Nieto. Prostituição feminina e direitos sexuais... diálogos possíveis?. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 88-121, ago. 2012.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 263-274, jul.-dez. 2008.

ROCHA, Jonathan Madeira. **Trabalhadores on demand**: uma etnografia com motoristas e trabalhadores de aplicativo na Região Metropolitana de Porto Alegre/RS. 2021. 105p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

SACRAMENTO, Octávio. **Os clientes da prostituição abrigada**: a procura do sexo comercial na perspectiva da construção da masculinidade. 2005. 178p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga, 2005.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

SANT'ANA, Guilherme Antônio Carneiro de. **Entre a antiprofissionalidade e a profissionalidade**: uma etnografia sobre a construção do valor das mulheres provenientes da mercantilização por desvio em aplicativos de relacionamento. [*S.l.: s.n.*], no prelo.

VIVEROS VIGOYA, Mara. **As cores da masculinidade**: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América. Tradução de Alysson de Andrade Perez. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

ZELIZER, Viviana. Encontros de intimidade e economia. *In*: ZELIZER, Viviana. **A negociação da intimidade**. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 17-47.

Guilherme Antônio Carneiro de Sant'Ana
Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Endereço profissional: http://lattes.cnpq.br/3094555006025590
E-mail: gugasantlegas@yahoo.com.br
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-4402-8868

Como referenciar este artigo:

SANT'ANA, Guilherme Antônio Carneiro de. Mercantilização por Desvio em Aplicativos de Relacionamento: uma controvérsia sobre consumo sexual e formas de masculinidade no fórum GP-Guia. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 28, e105235, p. 1-24, 2026.